

O ANTICOMUNISMO DO SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES NA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA¹

THE ANTICOMMUNISM OF THE NATIONAL INTELLIGENCE SERVICE IN BRAZILIAN CIVIL-MILITARY DICTATORSHIP

EL ANTICOMUNISMO DEL SERVICIO NACIONAL DE INFORMACIONES EN LA DICTADURA CIVIL MILITAR BRASILEÑA

DANIEL TREVISAN SAMWAYS

Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná
Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)
Curitiba / Paraná, Brasil
prof.danieltrevisan@yahoo.com.br

Resumo: O discurso anticomunista e de combate à subversão foi uma das bases da ditadura civil-militar durante longos 21 anos de violência e terrorismo estatal. Combater os comunistas e sua doutrina, o comunismo, foi uma das principais metas dos aparelhos repressivos e de informações, que buscavam mapear e reprimir supostos subversivos, usando, em muitos casos, de métodos de tortura para obter informações. Neste sentido, a comunidade de informações, que tinha no Serviço Nacional de Informações seu principal órgão, buscou também reforçar uma imagem negativa do comunismo. O SNI, ao longo de sua existência, utilizou de diversas técnicas para obter informações sobre os passos dos comunistas, mas também produziu uma grande quantidade de relatórios e documentos sobre o comunismo, inclusive o internacional.

Palavras-chave: Ditadura civil-militar. Anticomunismo. Comunismo.

Abstract: The speech anticommunist and anti-subversion was one of the foundations of civil-military dictatorship during 21 long years of violence and state terrorism. Fight the communists and their doctrine, communism, was a key goal of the repressive apparatus and information, seeking to map and prosecute alleged subversives, using, in many cases, methods of torture to obtain information. In this sense, the intelligence community, which had the National Information Service (SNI) its main organ, also sought to reinforce a negative image of communism. The SNI over its existence, used various techniques to obtain information on the steps of the Communists, but also produced a large number of reports and documents on communism, including international.

Keywords: Civil-military dictatorship. Anticommunism. Communism.

Resumen: El discurso anticomunista y de combate a la subversión fue una de las bases de la dictadura civil militar durante largos 21 años de violencia y terrorismo estatal. Combatir los comunistas y su doctrina, el comunismo, fue una de las principales metas de los aparatos represivos y de informaciones, que buscaban mapear y reprimir supuesto subversivos, utilizando, en muchos casos, métodos de castigo para obtener su principal órgano; procuró también reforzar una imagen negativa del comunismo. El SNI, a lo largo de su existencia, empleó diversas técnicas para obtener informaciones sobre las decisiones de los comunistas, pero también produjo una gran cantidad de relatos y documentos sobre el comunismo, incluso el internacional.

Palabras clave: Dictadura civil militar. Anticomunismo. Comunismo.

¹ Artigo submetido à avaliação em 05/02/2014 e aprovado para publicação em 21/04/2014.

Introdução

Este trabalho busca compreender o pensamento anticomunista militar, mais especificamente do Serviço Nacional de Informações (SNI), permeado pela paranoia e pelo medo, sobre os comunistas e sobre sua doutrina, o comunismo, através de uma produção de circulação “Reservada” chamada “*Comunismo Internacional*”. Através dessa publicação, busca-se perceber como o comunismo e os comunistas eram analisados por esse serviço de inteligência e as representações feitas acerca deste “outro”, visto pelo SNI como inimigo da nação.

Comunismo Internacional foi produzida pela Agência Central do Serviço Nacional de Informações a partir de 1970 e distribuída para todo o Brasil, desde órgãos de informações ligados ao SNI como as Divisões de Segurança e Informações (DSI) de ministérios civis até as Secretarias de Segurança Pública estaduais e as Delegacias de Ordem Política e Social (DOPS). Era enviada também a vários setores das Forças Armadas e aos seus órgãos de informações como o Centro de Informações do Exército (CIE), Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica (Cisa) e Centro de Informações da Marinha (Cenimar). A publicação mensal fazia uma grande e detalhada análise do comunismo no mundo todo, suas principais ações e suas características, abordando a maneira de ser dos comunistas. Alertava para o comportamento e ações dos “vermelhos”, os quais poderiam estar em todos os lugares e usar qualquer disfarce. Segundo essa visão, os comunistas não mediriam esforços e nem teriam escrúpulos para conseguir seus objetivos.

Ao nos debruçarmos sobre a farta documentação e os milhares de relatos de tortura e violência durante a ditadura, com todos os requintes de crueldade e sadismo², algumas questões ainda permanecem em aberto e não possuem respostas conclusivas: os aparatos repressivos e de informações acreditavam que estavam salvando a nação e combatendo um poderoso inimigo, pintado com todas as características negativas e perigosas? Ou, por outro lado, estavam apenas cumprindo ordens de seus superiores e já não acreditavam nessa força e no aspecto maléfico dos comunistas? A tortura contra o “outro” era um simples mecanismo para fazê-lo falar ou seu sofrimento justificava-se por ser um subversivo? Por que tamanha violência para com o “outro”, visto como “inimigo da nação”? Ainda, segundo esse raciocínio, Juan Linz questiona: “a grande pergunta escrita nos muros das prisões, e que não tem resposta fácil. Por quê? Por que o terror tomou as formas que tomou, e como foi possível

² O livro Brasil: Nunca Mais é um bom exemplo das torturas sofridas durante o período ditatorial brasileiro. ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Brasil: nunca mais*. Petrópolis: Vozes, 1985.

criar o maquinário para implementá-lo, e por que ninguém foi capaz de impedir?”³ Torna-se difícil mapear a existência de uma suposta apatia desses “operários da violência”⁴ no exercício da repressão e que cometiam tais atos apenas almejando melhorias e benefícios na carreira. Não se pode afirmar que todos os militares acreditavam no poder dos comunistas e subversivos e que esses eram a verdadeira representação do mal a caminhar sobre a Terra. A paranoia e o medo em relação a esse “outro” não foram uma regra, nem tampouco permearam toda a sociedade e as Forças Armadas. Isso, por certo, não exclui nem diminuiu sua existência e seu alcance dentro dos aparelhos repressivos e as ações delas decorrentes. O ódio e o ressentimento estão também ligados ao medo do outro.

A chegada dos militares ao poder representou um fortalecimento deste anticomunismo e um aumento do poder repressivo do Estado, podendo ser também compreendido como um *terrorismo de Estado*.⁵ Na tentativa de proteger a nação do “perigo da subversão”, de defender a ordem, a moral e os bons costumes, os militares colocaram o país em uma guerra psicológica, fortalecendo sentimentos como a paranoia e o medo, inculcando nas mentes a noção de que o país estava em eminente risco e perigo, no qual conceitos como *bem* e *mal* foram fortemente trabalhados.⁶

Se de um lado o governo buscava informar a população sobre os riscos do comunismo, como, por exemplo, no *Decálogo da Segurança*, divulgado para o público geral, de outro buscava informar também seus próprios agentes e colaboradores de como agiam os subversivos. Diversos manuais e relatórios foram produzidos por vários órgãos do governo, buscando demonstrar o “perigo comunista”. Destaque para “*Ação Subversiva no Brasil*”, do Cenimar de 1972, “*Como eles agem*”, do Cisa de 1971 e “*Dicionário: Segurança Nacional e subversão*”, da Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro, de 1977.⁷ Tais manuais difundiam determinada visão sobre comunistas e subversivos, bem como da luta empreendida

³ LINZ, Juan. Totalitarian and Authoritarian Regimes. Apud PEREIRA, Anthony W. *Ditadura e Repressão: o autoritarismo e Estado de Direito no Brasil, no Chile e na Argentina*. Tradução de Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2010. p. 51.

⁴ O termo “operários da violência” foi utilizado por HUGGINS, Martha K.; HARITOS-FATOUROS; ZIMBARDO, Philip G. *Operários da violência: policiais torturadores e assassinos reconstróem as atrocidades brasileiras*. Brasília: Editora da Universidade Brasília, 2006.

⁵ PADRÓS, Enrique Serra. Repressão e violência. In: FICO, Carlos et al. *Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

⁶ Esse discurso pode ser percebido logo início do governo ditatorial. O primeiro Ato Institucional afirma que essas medidas estão “destinadas a drenar o bolsão comunista, cuja purulência já se havia infiltrado não só na cúpula do governo como nas suas dependências administrativas.” Ato Institucional número 1. 9 de abril de 1964.

⁷ O Dicionário foi escrito por Zonildo Castelo Branco, delegado de polícia. O documento foi analisado por HESSMANN, Dayane Rúbila Lobo. *Cartilha da repressão: os ensinamentos de um delegado sobre a subversão e a Segurança Nacional (1974-1977)*. 2011. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, 2011.

por eles na forma de guerrilhas urbanas e rurais. Esses materiais possuíam uma circulação mais restrita, estando destinados às Forças Armadas. *Comunismo Internacional* insere-se nessa documentação de caráter mais restrito, mesmo que algumas de suas cópias tenham sido enviadas para além da esfera governamental, como algumas arquidioceses.

Entendemos que *Comunismo Internacional* não foi a única produção com caráter anticomunista, nem tampouco uma produção isolada no que tange a criar uma espécie de paranoia dentro do sistema repressivo. A paranoia, o medo e a ansiedade são resultantes de uma esfera cultural muito mais profunda, que permeia toda a sociedade e acaba por se relacionar com determinados sentimentos e valores individuais e coletivos. Produções de caráter anticomunista e que alertavam para o “mal do comunismo” no período de ditadura civil-militar foram relativamente amplas, com livros editados principalmente pela editora da Biblioteca do Exército, a Bibliex, produzidos aqui ou no exterior, como *A Nação que salvou a si mesma*, *O Serviço Secreto*, *Guerras Insurrecionais e Revolucionárias*, *Os sete matizes do Vermelho*, *Os Subversivos*⁸, além de uma infinidade de informes, relatórios e comunicados, enviados para todo o país, que demonstravam o perigo comunista. Por certo, dentre uma infinidade de publicações e documentos, *Comunismo Internacional* torna-se um valioso exemplo para melhor compreender um dos períodos mais tristes de nossa história, mas também nos auxiliar a entender um pouco a mentalidade autoritária daqueles que fizeram parte de importantes órgãos do governo, como o Serviço Nacional de Informações.

O anticomunismo e a visão negativa que se fazia do comunismo, uniu diferentes setores da sociedade em torno de um mesmo ideal, o de proteger a nação, e pode ser compreendido como um fator importante em momentos de ruptura na sociedade brasileira. Para Rodrigo Patto Sá Motta, “as atividades anticomunistas foram intensificadas, sendo que em 1937 e 1964 a 'ameaça comunista' foi argumento político decisivo para justificar os respectivos golpes políticos, bem como para convencer a sociedade (ao menos parte dela) da

⁸Segundo Lucas Figueiredo, a editora do exército publicou várias obras de cunho anticomunista, as quais denunciavam, por exemplo, técnicas comunistas de politização e aliciamento de jovens. FIGUEIREDO, Lucas. **Olho por olho**: os livros secretos da ditadura. Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 77. Dayane Hessman relaciona alguns dos livros produzidos pela Bibliex e outras editoras de caráter anticomunista. Esses livros integram a bibliografia do Dicionário: segurança nacional e subversão. HESSMAN, op. cit., Anexo I. p. 132-136. HALL, Clarence W. A nação que salvou a si mesma. *Revista Seleções do Reader's Digest*. Suplemento Especial, nov. 1964. GEHLEN, Reinhard. *O serviço secreto*. Tradução de Luiz Carlos Luchetti e Luiz Corção. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1975. BONNET, Gabriel. *Guerras insurrecionais e revolucionárias*. Tradução Gal. Carlos de Meira Mattos. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora: 1963. CARVALHO, Ferdinando de. *Os sete matizes do vermelho*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1977. HUTTON, J. Bernard. *Os subversivos*. Tradução Luiz Corção. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1975.

necessidade de medidas repressivas contra a esquerda.”⁹

Como resultado disso, o campo político, em momentos de tensão e de exceção, torna-se uma disputa constante entre os detentores da verdade, os quais estão influenciados por valores ideológicos e por aquilo que podemos denominar de paixões políticas. Esses valores estão intimamente ligados aos conflitos sociais, tornando-se pertinente

(...) analisar de que modo a violência simbólica pode transpor um conflito social e contribuir para a sua conformação, de que modo pode mobilizar as energias e participar diretamente no desenvolvimento dos confrontos, de que modo intervém para interiorizar o conflito através dos diferentes agentes sociais.¹⁰

As ideologias buscam legitimar determinadas atitudes de quem detém o poder e mostrar as razões dessa autoridade. Em contrapartida, se produz um discurso que torna o inimigo ilegítimo. Torna-se necessário então, a divulgação dessa ideologia, que seria ineficaz sem uma publicidade inteligível, onde os significados não são apresentados somente sobre as formas de discurso ou de forma escrita, mas também através de imagens, cartazes, caricaturas, onde se eleva uma ideologia e diminui outra.

Comunismo internacional

Durante aproximadamente três anos a Agência Central do Serviço Nacional de Informações buscou mapear os passos do comunismo não somente no Brasil, mas em todo o mundo. Persistia uma preocupação crescente com este movimento desde a África e Ásia, até seu alcance na América Latina, bem como a atuação de supostos comunistas no exterior e discursos contra o Brasil na imprensa estrangeira. Almejavam mostrar a violência comunista e seus aspectos mais perversos. A seção “Assuntos gerais”, que aparecia logo após o calendário das atividades comunistas e das frases de efeito de comunistas conhecidos, analisava aspectos mais amplos do comunismo, como hábitos e costumes, bem como as táticas utilizadas pelos “vermelhos” para atacar o mundo ocidental. É recorrente em *Comunismo Internacional* uma preocupação com os hábitos dos comunistas e as ideias que esses tentavam, de diversas formas, introduzir na sociedade ocidental, o que no entender da comunidade de informações, era uma estratégia para enfraquecer e desarmar o ocidente, tornando mais fácil sua conquista. Ao trazer os costumes, muitas vezes entendidos como promíscuos, o agente produtor

⁹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002. p. XXIII.

¹⁰ ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder*. Tradução Aurea Weissemberg. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. p. 10.

almejava desmoralizar o inimigo, demonstrando não somente seu caráter mais violento, mas também seu lado mais pervertido e degenerado. A preocupação com a violência era uma recorrência nessa publicação, trazendo sempre à tona o lado mais cruel dos comunistas. Por outro lado, eles são mostrados como espertos e inteligentes, possuindo muitas táticas psicológicas para seduzir principalmente a juventude.

Comunismo Internacional na seção Assuntos Gerais, retirava muitos de seus textos de jornais e revistas. Porém, os textos tinham uma origem mais ampla, alguns estrangeiros traduzidos na íntegra para a publicação. O fato de citar não diminui a importância do texto. Em certa maneira, o produtor da publicação busca referendar sua ideia citando aqueles que possuem um discurso semelhante. O recorte jornalístico buscava demonstrar a pertinência do assunto analisado e de como este estava na ordem do dia. A um primeiro olhar pode nos parecer uma simples reprodução de um discurso paranoico para aquele que faz a seleção dos textos a serem inseridos na publicação. Porém esse ato era permeado de uma lógica muito maior, pois almejava referendar suas ideias através de longas citações, além de fazer crer nos seus leitores que o perigo era eminente. Por outro lado, e talvez aqui esteja o fato mais importante, em diversos momentos o autor se deixa mostrar, colocando suas opiniões na forma de comentários e reafirmando a importância da atenção para com a notícia analisada. Em outras edições de *Comunismo Internacional* os textos são do próprio autor da publicação e nessas edições são feitas análises de fatos acontecidos nos meses anteriores ou de aspectos gerais do comunismo e do “esquerdismo”. Os temas abordados na seção Assuntos Gerais são diversos e não seguem uma sequência lógica, diferente das outras seções que se atém sempre aos mesmos temas e na mesma ordem, ou que observe algum critério de ordenamento. O critério era apenas o de informar sobre os aspectos gerais do comunismo e os meios que este utilizava.

Em tempos de violência e de início da guerrilha rural e urbana perpetrada por grupos de esquerda, em oposição ao discurso pacifista do Partido Comunista Brasileiro, os agentes do Serviço Nacional de Informações acreditavam que a campanha pela paz defendida por alguns partidos comunistas espalhados pelo mundo era na verdade uma forma de destruir o Ocidente, tornando-o mais fraco e vulnerável. Para esses agentes,

Jornais e revistas deveriam se opor a toda e qualquer campanha desenvolvida pelos comunistas, diretamente ou através de suas 'frentes', como inocentes úteis, 'infiltrados' ou mesmo atraídos pelo dinheiro que lhes é oferecido, atuam eficientemente (para os comunistas) na Campanha Anti-Guerra, nova denominação da surrada “Campanha pró Paz” desencadeada pela URSS, logo após a 2ª Grande Guerra.

(...) A imprensa publica artigos dessa espécie e se omite completamente de dizer que é imperioso para o Mundo Ocidental que seja executada e desenvolvida a política de contenção 'do monstro comunista, impedindo sua escalada'.

Não dizem e repetem o que, desde há muito tempo é sabido, que os comunistas com suas 'Campanhas pró Paz' e 'Campanha Anti-Guerra', desejam desarmar material e espiritualmente o Mundo Ocidental para facilmente dominá-lo.

São omitidas e esquecidas frases como as que se seguem:

'Nós não venceremos o Ocidente por meio da bomba atômica. Venceremos com algo que o Ocidente não compreende: as nossas cabeças, as nossas ideias, nossa doutrina'. (VISHINSKI-1954)

'Segundo a tática do CAVALO DE TRÓIA, a GUERRA POLÍTICA infiltra auxiliares de todas as condições – desde agente assalariado ao amigo honesto, mas iludido em tudo que tenha força sobre a opinião pública: na imprensa, nas editoras, nas estações de rádio e televisão, nos teatros e cinemas, nas escolas e universidades, corrompendo a todos, desde o camponês até o cardeal.

Os EUA por pressões internas, fruto de 'infiltrações' está sendo forçado a abandonar sua 'política de contenção' da escalada comunista. Foram envolvidos pelas campanhas 'Pró-paz' ou 'Anti-guerra' e de 'crimes cometidos por suas tropas no Vietnam'.¹¹

Essas informações encontram eco nas palavras de um dos idealizadores da Doutrina de Segurança Nacional no Brasil, Golbery do Couto e Silva, quando esse afirma que

Francamente, não entendemos como – a menos que busque, por um mecanismo subconsciente de compensação, enganar-se a si mesmo e à angústia da instabilidade a que deseja fugir – possa alguém acreditar hoje nos velhos sonhos de uma paz mundial estável, fundada – e ainda mais para os nossos dias ou os dias de nossos filhos – na justiça internacional, na intangível liberdade das nações, reconhecida e respeitada por todos, e nesse princípio tão lógico, tão moral, mas não menos irreal, da autodeterminação e absoluta soberania dos povos, o qual, nem por não se poder nele confiar, de forma alguma, importa que se deixe de usá-lo e defendê-lo a todo custo como argumento único, que é, dos fracos contra os fortes.¹²

Como se sabe, após o golpe de 1964, o PCB foi duramente criticado pelo seu imobilismo, não sabendo também lidar com a própria derrota sofrida. Por todos os lados, uma série de cisões abalaram a estrutura do partido, que anteriormente aglutinava a maior parte da esquerda brasileira. Segundo Marcelo Ridenti

(...) Entre os anos de 1965 e 1968, as bases universitárias romperam com o Partido em todos os cantos do território nacional, constituindo as conhecidas dissidências estudantis, 'Dis': no estado do Rio surgiu a DI-RJ; na Guanabara, a DI-GB (ambas posteriormente denominadas Movimento Revolucionário 8 de Outubro – MR-8); havia a DI do Rio Grande do Sul; a DISP, paulista (depois integrada à ALN ou a VPR e VAR-Palmares); em Minas Gerais a dissidência estudantil integraria a CORRENTE.¹³

¹¹ COMUNISMO INTERNACIONAL. N. 06. Junho de 1970. Pasta n. 305. Topografia 33. Arquivo Público do Paraná.

¹² SILVA, Golbery do Couto e. *Geopolítica do Brasil*. 4. ed. José Olympio Editora: Rio de Janeiro, 1981. p. 21.

¹³ RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993. p. 28.

Um dos principais nomes dessas cisões foi Carlos Marighella, que criou a Aliança Nacional Libertadora (ALN) e Mario Alves, que fundou o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR). Dessa forma, até 1968 o PCB perdeu praticamente metade de seus integrantes, os quais optaram por partidos que defendiam a luta armada. Nesse contexto surgiram ainda outros movimentos, como o Partido Comunista Revolucionário (PCR), a Ala Vermelha do PdoB (ALA), o Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT), além das cisões na Ação Popular, de base católica, que optou pelo maoísmo gerando assim o descontentamento de suas bases que optavam por uma linha leninista e guevarista. Nessa colcha de retalhos que se transformou a esquerda brasileira, a paixão pela revolução encantaria muitos jovens que lutavam por uma grande e profunda transformação da sociedade. Por outro lado, e nas posteriores lutas da memória, esses seriam apresentados como parte de uma resistência democrática, a qual, de certa maneira, buscou em tom conciliador apagar o tom revolucionário de suas ações, as quais não nutriam grande sentimento pelos valores democráticos. Se suas ações eram de combate à ditadura, elas visavam também à tomada do poder pelos trabalhadores, tendo o movimento estudantil como vanguarda revolucionária.¹⁴

No entender dos militares, porém, esse esquerdismo era algo deplorável e atrapalharia em demasia nossa sociedade. Visão essa compartilhada por Plínio Corrêa de Oliveira, expoente do catolicismo conservador e um dos fundadores da Tradição, Família e Propriedade e que também foi utilizado para referendar as teorias da comunidade de informações. Na edição de junho de 1970, Corrêa de Oliveira foi citado no subitem “Esquerdismo” afirmando que “os prosélitos mais radicais e dinâmicos da subversão social encontram-se em certas sacristias, universidades, redações de jornais e boites de granfinos”¹⁵ O texto discorre a respeito da suposta rejeição que o comunismo estava sofrendo no meio sindical, lembrando que em muitas manifestações estavam presentes apenas “estudantes vagabundos”, contando com poucos operários e que a massa não seria esquerdista, mas antes elementos deteriorados das elites. Corrêa de Oliveira citou o Pe. Comblim, o qual anos mais tarde publicaria um livro sobre a Ideologia de Segurança Nacional, afirmando que esse age com o beneplácito de autoridades eclesiásticas e que um abaixo assinado possuía 2 milhões de assinaturas, contra a infiltração comunista na igreja. Após o texto, a agente produtor afirma que:

¹⁴ REIS FILHO, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 70.

¹⁵ COMUNISMO INTERNACIONA, op. cit., p. 1.4.

Essas observações deveriam ser lidas por todos os brasileiros, especialmente pelos pais dos nossos estudantes, a fim de não permitirem que seus filhos estudantes se deixem levar por seus conselheiros e pseudo-orientadores da juventude, participando de manifestações de cunho nitidamente comunista.¹⁶

Ao longo da publicação, busca-se demonstrar o quanto a violência comunista era uma realidade inquestionável, bem como as mudanças que essa doutrina prometia. Em certa medida, o agente busca, tanto ao selecionar os textos quanto ao proferir determinados comentários, reafirmar a violência praticada pelo outro. Na edição de Agosto de 1970, foi traduzido um texto de Suzanne Labin¹⁷, a qual foi durante as décadas de sessenta e setenta utilizada pelo meio conservador como uma grande pensadora anticomunista. Porém, em seus livros lançados no Brasil¹⁸ apresentava-se como seguidora da família espiritual do socialismo, afirmando que essa era uma doutrina completamente diferente da “coisa comunista”. Essa separação entre socialismo e comunismo foi algo mais característico da França nesse período e não era realizada aqui nesse momento. A absorção do pensamento dessa autora francesa no Brasil pelas Forças Armadas não levou isso em conta e reproduzia suas ideias em manuais, como “Ação Educativa contra a ‘Guerra Revolucionária’” produzida em 1963 pelo Ten. Cel. Mario de Assis Nogueira.¹⁹ Em *Comunismo Internacional*, uma longa tradução de “Fifty Years of Communism” de 1967 no “The Wael Bulletin”, editada em Seul, foi publicada sob o título “Mais de meio século de comunismo – As promessas e a realidade”. Como afirmou o agente produtor, mesmo sendo publicada há três anos, suas ideias permaneciam válidas. O texto analisava as promessas comunistas e a realidade em diversos países, como por exemplo em “Exploração do homem pelo homem”, afirmando que os comunistas haviam prometido o fim da exploração e que os trabalhadores seriam livres. Porém na prática, isso não aconteceu, ocorrendo o seu oposto, com uma fiscalização ferrenha sobre os trabalhadores, os quais eram “registrados no ‘livro registro de trabalhadores’ que contém os mínimos detalhes de vida profissional e crença política, e que os indivíduos são adequados para determinado serviço.”²⁰ Foram abordados temas sobre as indústrias e a produção, o mérito e a educação. Neste último ponto, a autora afirma que os comunistas

¹⁶ Ibid.

¹⁷ Na referida edição aparece a grafia Suzana Labin.

¹⁸ Foram lançados vários livros pela autora no Brasil. *Em cima da hora: a conquista sem guerra*. Rio de Janeiro: Record, 1963; *O duelo Rússia x USA*. Rio de Janeiro: Record, 1964; *A condição humana na China comunista*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1963; *A guerra política: arma política do comunismo internacional*. Rio de Janeiro: Editora Presença, 1960.

¹⁹ FONSECA, Raquel Silva. A guerra revolucionária como questão estratégica: Suzanne Labin, militares brasileiros e a guerra política. ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 10., 2010, Santa Maria. **Anais...**Santa Maria. 2010.

²⁰ COMUNISMO INTERNACIONAL, op. cit., p. 1.8.

havam prometido uma educação gratuita para toda a população. Como esse assunto era, em certa medida, uma realidade na maioria dos países de orientação comunista, a autora buscou demonstrar que mesmo com a gratuidade e com a expansão do ensino, existiam barreiras para o ingresso nas escolas e universidades públicas. Segundo Labin,

As universidades são gratuitas, mas o acesso a elas é filtrado, primeiro pela barreira da dispendiosa instrução secundária e secundariamente pela necessidade que os pais do candidato desfrutem de ‘boas’ amizades para conseguirem um lugar em uma das universidades, para o filho. Em resumo, pode ser dito que o estudo superior tornou-se privilégio da classe burocrática, extensivo a uns poucos ‘favoritos’. As universidades ocidentais, obrigadas a cederem bolsas escolares, são muitíssimo mais acessíveis aos estudantes das mais baixas camadas sociais.²¹

Os costumes e a subversão

A grande preocupação dos militares com os hábitos e costumes dos comunistas residia na capacidade de sedução que isso exercia principalmente sobre a juventude. Para os setores conservadores esses hábitos destruiriam os valores ocidentais e, de certa forma, seriam também uma grande estratégia comunista para destruir não apenas os valores, mas o próprio Ocidente. Não se pode esquecer que o “ser comunista” despertava grande fascínio em determinados setores da sociedade. Não era apenas uma maneira de mudar o mundo, mas também uma forma de se posicionar frente aos problemas da sociedade, uma forma de agir, associados aos hábitos esquerdistas. A coragem desses homens e mulheres causava em uma parcela da juventude, um sentimento de pertença, de compartilhar anseios, enxergando neles a figura do herói, daquele que poderia mudar o mundo. Em diversos grupos dessa esquerda, existia a ideia de que “quem não tem Cadillac pega mulher com o *Manifesto Comunista*.”²²

Para Marcelo Ridenti,

(...) a liberação sexual, o desejo de renovação, a fusão entre vida pública e privada, a ânsia de viver o momento, a fruição da vida boêmia, a aposta na ação em detrimento da teoria, os padrões irregulares de trabalho e a relativa pobreza, típicos da juventude de esquerda na época, são características que também remetem à tradição romântica.²³

²¹ Ibid.

²² RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 48.

²³ Sobre romantismo Ridenti afirma que “seria uma forma específica de crítica da modernidade entendida como ‘a civilização moderna engendrada pela revolução industrial e a generalização da economia de mercado’ caracterizada – em termos weberianos – pelo espírito de cálculo, o desencantamento do mundo, a racionalidade instrumental e a dominação burocrática, inseparáveis do advento do capitalismo. A crítica a partir de uma visão romântica de mundo incidiria sobre a modernidade enquanto totalidade complexa, que envolveria as relações de produção (centradas no valor de troca e no dinheiro, sob o capitalismo), os meios de produção e o Estado. Seria uma *autocrítica da modernidade*, isto é, uma reação formulada de dentro dela própria, não do exterior,

Nomes como Che Guevara, Lenin, Fidel Castro, Carlos Marighella e Lamarca, povoavam a mente da esquerda brasileira, em especial daqueles que aderiram à luta armada e mostravam, de forma concreta, nos anos finais da década de sessenta e início de setenta, que seria possível mudar o mundo. Não se pode esquecer que a Revolução Cubana era ainda um fato recente nesse contexto e que seus desdobramentos eram pouco conhecidos. Como exemplo desse fascínio pelos heróis da esquerda, tivemos no Brasil o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), desdobramento da Dissidência da Guanabara, que teve esse nome em referência a data da morte de Che Guevara, ocorrida em 8 de outubro de 1967. Fernando Gabeira, afirma em seu livro de 1979, que costumava ouvir uma música de Gilberto Gil, na qual existia uma referência a Carlos Marighella. Gil pronunciava o nome de Marighella a não ser percebido pela censura, mas claramente perceptível para os ouvidos atentos dos revolucionários. Na música *Alfômega*, Gilberto Gil realizava voz de fundo para a interpretação de Caetano Veloso, no LP de Caetano, de 1969. Essa música era também repetida pelos presos políticos do presídio Tiradentes. O próprio Caetano revelaria sua simpatia por Marighella, afirmando que isso não era de conhecimento nem dos radicais, nem dos conservadores. A frase final de seu artigo publicado em *O Pasquim*, quando estava no exílio, era dedica à morte de Marighella, afirmando que “Nós estamos mortos: ele está mais vivo do que nós.” (RIDENTI, 2009. p. 85). Marcelo Ridenti afirma que os tropicalistas compuseram *Soy loco por ti, América* em homenagem à Guevara, após sua morte em 1967, com letra de Capinam, música de Gil e interpretada por Caetano. Segundo Ridenti,

Homem, povo, guerrilheiro, morte do herói apaixonado pelas mulheres, pela revolução e pela América, no ritmo anárquico de uma rumba, no estilo cubano: o tropicalismo reconstruía à sua maneira a estrutura de sentimento romântica e revolucionária do período. Em meio a referências veladas ou explícitas a Martí, a modernidade e à revolução, seria preciso cantar o nome do homem morto, isto é, Che Guevara, que a censura não permitiria pronunciar com todas as letras. Ele só poderia ser dito quando o dia da libertação houvesse arreventado; o nome do Che seria identificado com o próprio povo, na luta para evitar que a noite definitiva se espalhasse pela América Latina, como já se anunciava no Brasil, submetido à ditadura militar e civil. A canção explicita a utopia do assalto ao paraíso: o céu como bandeira para os poetas que faziam canções de guerra e de mar, conscientes da fugacidade da própria vida.²⁴

A música de Vandr , ao afirmar que “somos todos iguais, braços dados ou não/ Os

'caracterizada pela convic o dolorosa e melancólica de que o presente carece de certos valores humanos essenciais que foram alienados.' RIDENTI, op. cit., p. 26.

²⁴ RIDENTI, Marcelo. A época de 1968: cultura e política. In. FICO, Carlos; ARAÚJO, Maria Paula. (Org). 1968: 40 anos depois: História e Memória. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 86.

amores na mente, as flores no chão/a certeza na frente, a História na mão/ caminhando e cantando e seguindo a canção/ aprendendo e ensinando uma nova canção”, demonstra que não se podia mais combater a ditadura com flores através dos indecisões cordões, em alusão as passeatas pacíficas do ano 1968, bem como colocava a ação como forma de mudar a história. Essa música seria ainda citada pelo próprio Marighella, ao afirmar em 1968 que a morte de Guevara não era o fim da guerrilha, mas ao contrário, “inspirados no desprendido exemplo do Guerrilheiro Heróico, prosseguimos no Brasil sua luta patriótica, trabalhando junto ao nosso povo com a certeza na mente e a História a nosso favor.”²⁵ Porém, não podemos colocar o campo da cultura como marcado apenas pela dicotomia “resistência” e “cooptação”. Tal campo foi antes marcado por tensionamentos muito mais amplos e profundos, ocultando muitas vezes a ação e os projetos que separavam esses agentes históricos.²⁶

Para *Comunismo Internacional*, a luta e a morte desses guerrilheiros não possuía nada de heroico, devendo, portanto, ser amplamente refutada. Era imprescindível não cometer um “erro de apreciação, muito fácil de acontecer, sob a verdadeira motivação dos crimes e dos criminosos.”²⁷ A morte de Guevara e Marighella foi um duro golpe para as esquerdas no Brasil, porém, acabou por mitificar esses nomes, tornando-os símbolos em defesa da liberdade e, em certa medida, impulso para novas ações contra o imperialismo e a ditadura militar, vistos como responsáveis pelo mal em nossa sociedade. Em *Comunismo Internacional*, em texto do próprio agente produtor, encontra-se uma crítica aos elogios à morte por pretensos ideais de liberdade.

Quando morreram ‘CHE GUEVARA e depois CARLOS MARIGHELLA – caídos na luta por eles mesmos ateados e de que eram, assim, os verdadeiros responsáveis, verificaram-se em vários meios, entre pessoas até lúcidas e honestas, e até mesmo em jornais respeitáveis, certas manifestações de respeito e simpatia para com os mortos, que, dizia-se, ‘tomaram pelos seus ideais.’ É preciso, porém, bem julgar e opinar, prestar bem atenção às coisas. Tomaram, sim, pelos seus ideais – o que, de

²⁵ Ibid. p. 88-89.

²⁶ Não se pode esquecer que “parte significativa da cultura de oposição foi assimilada pelo mercado e apoiada pela política cultural do regime.” NAPOLITANO, Marcos. Vencer Satã só com orações: políticas culturais e cultura de oposição no Brasil dos anos 1970. In: QUADRAT, Samantha Viz e ROLLEMBERG, Denise (Org). *A construção social dos regimes autoritários: Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 147. A ideia elaborada por conceito nesse texto, demonstra que a chamada “cultura de esquerda” identificada com a “resistência” foi, em certa medida, absorvida pelo mercado e também pelo capitalismo. Essa cultura tinha espaço nos meios mais intelectualizados e era grande sua difusão. Por outro lado ainda, essa cultura de oposição foi também absorvida ou muitas vezes patrocinada pela própria ditadura civil-militar, buscando ampliar seu leque de abrangência. Não se pode esquecer, obstante, que isso significava um “entreguismo” desses setores ou que apoiavam a ditadura, mas que, em algumas situações se apropriavam dos meios de divulgação que o próprio sistema criava. Cf. NAPOLITANO, Marcos. *Seguindo a canção: engajamento político e indústria cultural na MPB (1959-1969)*. São Paulo: AnnaBlume/FAPESP, 2001.

²⁷ COMUNISMO INTERNACIONAL, op. cit., p. 1.2.

certa forma seria nobre e honroso – mas, quais são esses ideais?²⁸

O objetivo do autor consiste em demonstrar que não basta morrer por um ideal, mas que para merecer crédito e louvor, esses ideais precisam ser igualmente honráveis. Existiram ideais nobres, como a defesa da pátria, de sua independência e liberdade, bem como a defesa de valores religiosos, como muitos mártires haviam feito. Torna-se interessante pensar pela perspectiva dos militares, pois esses não viam as lutas das esquerdas como sinônimo de liberdade. Pelo contrário, para eles seria a entrega de nossa soberania aos soviéticos ou chineses. Da mesma forma, existiriam ideais tenebrosos, que se originariam na maldade, nutrindo-se também do crime. Assim como para o assaltante, o ideal é roubar impunemente, para a envenenadora o ideal é a morte da vítima e para Hitler o ideal seria a supremacia da raça ariana e o domínio da Alemanha Nazista. Segundo a publicação, Hitler lutou e morreu por esse ideal. Seria ele digno de louvor e respeito? Assim como ele, Mao Tse-Tung, outro “monstro” da história, também lutou e defendeu seus ideais. Segundo a publicação, para Mao não seria um problema uma guerra nuclear, em que perecessem dois terços da humanidade, pois a China com 600 milhões de habitantes na época, ficaria com 200 milhões e conquistaria o restante do mundo. Dessa forma, se Mao Tse-Tung morrer por esse ideal, merecia ele simpatia do mundo ocidental? Para *Comunismo Internacional*, era preciso ver

(...) nesses pretensos heróis do extremismo, qual é o seu ideal, a sua motivação. Eles, pessoalmente, se consideram heróis – e até, absurdamente, ‘patriotas’, quando, na realidade, desejam tirar o Brasil do domínio do ‘imperialismo norte-americano’, para entregá-lo ao imperialismo soviético (ou chinês), sujeitando-o à triste condição da Checoslováquia (sic) e da Hungria, ocupadas pelos tanques russos. E, descaradamente, ousam por, na nota do seqüestro do Embaixador alemão, as palavras do hino: ‘Ou ficar à Pátria livre ou morrer pelo Brasil’, quando realmente querem morrer pela Rússia, por Cuba ou pela China, onde já vige o regime que anelam.

Julgam-se, também, heróis, revolucionários, abnegados que a tudo renunciaram pelo bem do povo, sobretudo das classes trabalhadoras. Fazem-se apóstolos e mártires da causa de uma palingenesia social – que realmente é a aspiração e a meta de todos os homens livres e dignos, uma reforma profunda em que sejam abolidas e a injustiça social, as monstruosas desigualdades, a exploração desenfreada e cruel do trabalho em benefício de uns poucos privilegiados.²⁹

Dessa forma, era preciso fazer crer até para os próprios produtores da publicação que o governo militar de fato era o que lutava pela garantia das liberdades, lutava pela manutenção da democracia e que a esquerda seria, na verdade, o império do mal a caminhar

²⁸ Ibid. p. 1.3.

²⁹ Ibid.

sobre a Terra. Para os agentes, eram eles mesmos, os militares, os defensores dos ideais mais nobres de liberdade e democracia. Uma mensagem semelhante a esse ideal aparecia carimbada em vários documentos oficiais, afirmando que “a revolução de 64 é irreversível e consolidará a democracia no Brasil.”

Os agentes produtores da publicação, compartilhavam a ideia de que o Brasil vivia em uma plena democracia, assim como outros países da América Latina, como o Uruguai que ainda não encontrava-se em um regime ditatorial.³⁰ Para eles, uma democracia tornava mais difícil o combate aos insurgentes, devido a existência de garantias políticas e plenas liberdades. Porém, essas democracias se defendiam mal dos inimigos justamente por serem amantes da liberdade, diferentemente dos países totalitários, que não permitiam questionadores e revoltosos.

Em “As democracias se defendem mal”, podemos perceber claramente essa visão de que os regimes democráticos acabam tornando-se presas mais fáceis ao monstro do esquerdismo, justamente por garantir liberdades em demasia aos seus cidadãos. Segundo *Comunismo Internacional* de agosto de 1970,

Num país totalitário, como a União Soviética, seria impossível que surgisse contra o poder do Estado, uma força conspiratória do tipo Tupamaros, a criar casos de impossível solução para o KREMLIN. As ditaduras, desse tipo, possuem uma previsão sobre o que fazem as pessoas que se reúnem clandestinamente. Houve tentativas de subversão durante o Hitlerismo, mas nenhuma foi adiante; no fascismo mussoliano, igualmente. O policiamento estatal cuidava e cuida da segurança do Estado.³¹

Para determinados setores do governo, bem como para setores da sociedade civil brasileira, de fato, o Brasil não encontrava-se sob uma ditadura militar, pelo contrário, em um regime de democracia comandado pelos militares, os quais teriam, segundo essa lógica, plenos poderes para defendê-la de todos os males, evitando assim, problemas como os ocorridos no Uruguai. A forma como os militares vinham agindo justificava-se em comparação às nações vizinhas, que enfrentavam problemas com grupos insurgentes. O amor à liberdade dos cidadãos poderia acabar mal, como demonstra o caso uruguaio, quando os subversivos partem para a ação criminosa, colocando em perigo a segurança do Estado. Segundo a lógica dos militares, assim como fazia a democracia brasileira

³⁰ O golpe de Estado seria dado em junho de 1973 pelo então presidente Juan Maria Bordaberry com apoio das Forças Armadas, em meio a um clima de tensão social entre o Movimento de Libertação Nacional – Tupamaros e setores conservadores da direita. A ditadura uruguaia durou até fevereiro de 1985.

³¹ COMUNISMO INTERNACIONAL. N. 08. Agosto de 1970. Pasta n.305. Topografia 33. Arquivo Público do Paraná.

As democracias precisam estar atentas e vigilantes contra todos os perniciosos ‘TUPAMAROS’ que surjam em seu meio. É necessário vigiar-lhes os passos, controlar a sua atuação, e impedir que eles, pratiquem contra as democracias, toda espécie de crimes, os mais nefandos, como nesta morte de DAN MITRIONE, em terras uruguaias.³²

Estava justificada nessa afirmação a atuação dos órgãos de inteligência e de informações brasileiros. Estes controlavam e vigiavam os passos de milhares de brasileiros, mediante essa lógica, para defender a democracia de organizações semelhantes aos Tupamaros. No Brasil, a atuação dos órgãos de inteligência e repressão foi fundamental para reprimir e coibir a ação desses grupos, os quais foram brutalmente desmantelados, mesmo com alguns sucessos isolados por parte dessas organizações.³³ Para a repressão, lutava-se contra o perigo comunista e todas as ações seriam válidas para defender a democracia.

Os militares acreditavam estarem lutando em defesa da democracia, bem como pelos bons costumes e por uma sociedade melhor. Nessa perspectiva, as drogas eram vistas como algo que atrapalharia o pleno desenvolvimento da nação. Não podemos esquecer que ao abordarmos o período ditatorial, estamos falando não somente em uma doutrina de segurança nacional, mas também em uma doutrina de desenvolvimento, o qual não ocorreria apenas no plano material e econômico, mas também no desenvolvimento de uma nação sadia, forte. Dessa forma, os tóxicos e similares eram muito mal vistos pelo governo militar, sendo associados a uma tentativa dos comunistas de destruírem o Ocidente. Em dois textos de Setembro de 1970, esse combate a toxicomania e a subversão dos costumes ficou mais evidente.

Em uma tradução completa de “Yippie”, publicado originalmente em “L’homme et la société”, de Jerry Rubin, afirmava-se ser o novo partido internacional da juventude.

32COMUNISMO INTERNACION, op. cit. O Movimento de Libertação Nacional – MLN Tupamaros havia seqüestrado Dan Mitriane, representante da Seção da Segurança Pública da USAID (United State Agency for International Development) em resposta a crescente onda de violência estatal antes mesmo do golpe de 1973. Existia uma crença de que Mitriane participava de treinamentos de torturas usando presos políticos como cobaias. Mitriane viveu no Brasil e depois transferiu-se para o Uruguai, onde acabou assassinado. SILVA, Vicente Gil. O papel intervencionista da ditadura civil-militar brasileira na América do Sul. **História Social**. n. 18. Segundo semestre. Campinas, 2010. p. 181. O objetivo dos Tupamaros era mostrar a interferência estadunidense na América e como eles patrocinavam estados autoritários. Essa ação ficou imortalizada no filme de Costa-Gavras, Estado de Sítio de 1973, censurado no Brasil. O filme mostra, além da intervenção estadunidense, o papel brasileiro de instruir a prática da tortura. Em uma das cenas, um preso político serve de exemplo para a demonstração de novas técnicas de tortura, com a bandeira brasileira ao fundo.

³³ Emblemático foi o assalto realizado na residência da amante do ex-governador do estado de São Paulo Adhemar de Barros em julho de 1969. Na ocasião, o cofre foi roubado pela organização VAR-Palmares, a qual acreditava que o cofre possuía uma quantia de aproximadamente 200 mil dólares, além de documentos secretos sobre Barros. Para surpresa da organização, a quantia encontrada foi de mais de 2 milhões de dólares e acabou gerando grandes disputas dentro da VAR-Palmares, além de uma feroz perseguição aos envolvidos no assalto. CARDOSO, Tom. *O cofre do Dr. Rui*. São Paulo: Record, 2011.

Segundo *Comunismo Internacional*, Rubin afirma que

Yippie. Esse é o termo de uma não organização, de um partido não-político, o 'Youth International Party'. O partido da juventude internacional. O grito de guerra desse partido: Yippie: Nascia um homem novo que fumava em segredo e atacava o pentágono, mas que não tinha com que se identificasse. (...) O mito é real se ele possui um cenário onde as pessoas representam seus sonhos e sua imaginação. O mito faz a revolução. Marx é um mito, Mao é um mito, Dylan é um mito, os Panteras Negras são um mito. O mito é sempre maior que o homem. As pessoas tentam criar o mito, o que lhes permite dar o melhor de si mesmos. O segredo do mito do yippie é que ele vive reprimido. É uma folha branca. A esquerda nos atacou, no início, vendo em nós apolíticos, irracionais, loucos drogados que canalizavam a revolta política dos jovens através das drogas, da música 'rock' e dos 'be-ins'. Os hippies nos viam como marxistas, sob uma vestimenta psicodélica e entregues aos entorpecentes, à música 'rock' e aos 'be-ins' para politizar a juventude. Somente a direita nos tomava por aquilo que somos. (...) Os yippies pensam que não se pode ter uma revolução social sem uma revolução das mentalidades, nem uma revolução da mentalidade sem uma revolução social.³⁴

Jerry Rubin esteve envolvido em incidentes na cidade de Chicago, nos Estados Unidos no ano de 1968 e foi um dos fundadores do movimento Yippie, o Partido Internacional da Juventude, articulando diversas manifestações contra o sistema e a ordem estabelecida. Causaram também uma grande confusão no sistema financeiro, quando jogaram notas de dinheiro de um mezanino nos operadores do mercado, os quais deixaram o trabalho em busca das notas. Mencionar a reprodução de um manifesto na publicação *Comunismo Internacional* reflete uma grande preocupação dos militares com esse tipo de comportamento social, o qual pregava uma liberdade sexual, bem como “assistir televisão em cores duas horas por dia, sobretudo as novelas. Nós vamos derrubar o governo e vingar o Che.”³⁵

O polêmico texto não deveria circular abertamente, apenas dentro da comunidade de informações servia como forma de reforçar o perigo e o poder de alcance do movimento Yippie. O manifesto mostrava o quanto, na visão de seu autor, o movimento de libertação vinha crescendo na América e no mundo e que muito em breve a juventude iria conquistar o poder. Além de tudo, para eles “a mari (marijuana) é obrigatória em nossas reuniões. Nós tomamos entorpecentes no almoço para nos tornarmos mais conscientes da realidade. Existe um Yippie em cada um de nós. Nossa palavra de ordem: frustrados de todos os países, abandonem-se!”³⁶

Para Rubin e seu movimento, a revolução estava caminhando em um processo sem volta, o qual explodiria muito em breve, levando consigo todo a moral da sociedade

³⁴ COMUNISMO INTERNACIONAL. N. 09. Setembro de 1970. Pasta n. 306. Topografia 33. Arquivo Público do Paraná. 1970. p. 1.2.

³⁵ Ibid.

³⁶ Ibid.

ocidental e seus valores. A classe média e a igreja estariam a beira de um colapso, não sendo mais centros de atenção para crianças e jovens, que preferiam a rebelião das ruas. Era uma subversão e uma guerrilha a caminho na América. Era preciso assim,

(...) uma nova geração de importunos, uma nova geração de loucos, de irracionais, de sensuais, de furiosos, de ateus, de frívolos, de maníacos. Tipos que queimem seus certificados de alistamento, diplomas, e que digam: para o diabo com seus propósitos! Que caminhem com os jovens e suas músicas, suas ideias, seu LSD; que arvoreem orgulhosamente as bandeiras do Vietcong, que redefinem a realidade, que tragam os costumes pândegos e esdrúxulos, que concorram com a televisão, que não tenham nada a perder, exceto seus corpos. A política é uma maneira de viver, não de votar. O mais importante conflito político dos Estados Unidos é o conflito de gerações.

Mr. Amerika, a guerra está em sua cara.³⁷

Esse texto é também interessante pois demonstra que apesar da censura a diversos textos e assuntos vistos como imorais nos jornais, livros e televisão, notícias desse caráter circulava dentro da comunidade de informações. Dessa forma, tinham acesso a uma infinidade de textos e assuntos, os quais ganhavam destaque para demonstrar a necessidade de um combate cada vez mais forte contra esses costumes. Dentro dessa lógica, era imprescindível conhecer para combater. Talvez mais revelador do que o próprio conteúdo do texto, seja o comentário do agente, em uma prática um tanto quanto pedagógica de explicar, mas também repudiar a ideia exposta:

O artigo demonstra a existência de uma juventude completamente entregue ao desvario, produzido por frustrações várias, e agravadas pelo uso constante de entorpecentes.

Será que os jovens yippies, pregam algo, ainda mais inconcebível que a filosofia de Marcuse?

Será que os jovens yippies conseguiram, o que parecia impossível, ou seja, desenvolver a filosofia de marcusiana a níveis que não permitam sequer, o mais elementar raciocínio com a palavra sociedade?

Se a filosofia marcusiana rebaixava totalmente a criação espiritual, colocando-se por baixo dos níveis da pura animalidade (ver CI-SI Jul 70, fl. 1.7., item b.) será que a filosofia yippie consegue fazer um rebaixamento ainda maior do homem, fazendo com que não se consiga sequer estabelecer um nível de referência?³⁸

Para referendar ainda mais sua ideia, traz uma notícia, na qual o produtor de TV Daniel Filho, após uma viagem aos Estados Unidos, comenta seu espanto com o avanço da libertinagem, sob o título: “O exagero do erotismo”. No trecho selecionado sem contextualização alega-se que Daniel Filho afirmou que “a libertinagem nos EUA é

³⁷ Ibid.

³⁸ Ibid. p. 1.3.

desregrada, chocante e perigosa.”³⁹ A notícia de Daniel Filho aparece muito mais para legitimar a matéria anterior, sobre o movimento Yippie, do que para divulgar a viagem do produtor. O intuito do agente em inserir essa notícia era demonstrar o quanto a matéria anterior era legítima, principalmente porque um cidadão brasileiro reconhecido também o disse. Dessa forma, se desloca o referendo da notícia para um sujeito externo, conferindo assim, ainda mais legitimidade a matéria anterior. Os jovens estavam subvertendo a ordem e os costumes, como pôde um brasileiro presenciar.

No texto seguinte, intitulado “Comunismo e toxicomania” é feita uma relação da produção e do incentivo de entorpecentes, como um plano comunista para destruir o mundo ocidental. O autor tece comentário a essa mudança cultural, que culminou em uma explosão do consumo de drogas no ocidente afirmando que isso nada mais era do que uma tática dos comunistas. Segundo o agente,

Uma das armas mais sutis e sinistras do comunismo consiste em sua persistente atividade de corromper os costumes para debilitar o mundo democrático. A maior parte da produção de ópio e seus derivados é originária da China, e através de inúmeros canais clandestinos esparrama-se pelo mundo, produzindo lucros fabulosos e causando a desagregação das sociedades não comunistas. Um mundo dissoluto, entregue a drogas estupefacientes e alucinantes, não possui energia e integridade moral, indispensáveis para enfrentar a ameaça comunista.⁴⁰

Em meio as grandes transformações culturais da década de sessenta, que sacudiram as estruturas do mundo ocidental, nota-se uma enorme preocupação com a difusão de entorpecentes na sociedade. Em certa medida, essa difusão e aumento do consumo de drogas estava ligado mais diretamente a uma resposta da contracultura aos padrões morais e costumes burgueses, do que um grande plano comunista. Porém, nosso agente produtor, bem como boa parte do meio conservador, acreditavam piamente que a produção de drogas fazia parte de um plano comunista, apoiado pelas grandes potências vermelhas. Para referendar ainda mais sua explanação sobre o assunto, o agente faz referência a uma suposta resolução “secreta” e seu item “f” da 1º Conferência Tricontinental realizada em Havana no ano de 1966. Essa suposta resolução teria sido publicada no jornal “El País” de Montevideú, no ano de 1966, e afirma que

Apoiar resolutamente a campanha a favor das drogas, baseando-a no princípio do respeito aos direitos individuais. Manter completamente separados os quadros do partido dos canais de tráfico de narcóticos, de maneira que essa fonte de receita não possa ser vinculada a ação revolucionária; entretanto, devemos combinar a

³⁹ Ibid.

⁴⁰ Ibid. p. 1.4.

insuflação do medo à guerra atômica, com o pacifismo e com a desmoralização da juventude através do estímulo ao uso dos alucinógenos.⁴¹

Novamente a lógica de citar outros textos para conferir veracidade as ideias da publicação. Por outro lado, essas ideias não eram exclusivas apenas dela, mas antes revelavam também parte do pensamento conservador da época. Essa juventude “entregue à drogas estupefacientes e alucinantes” ia contra os planos de uma nação forte e sadia, planejada pelos militares, além de questionar os costumes dos setores mais tradicionais da sociedade, assustados com as enormes mudanças ocorridas na década de sessenta. Porém, segundo os envolvidos no movimento estudantil e articuladores de ações contra a ditadura, embora radicalizado politicamente ele era também conservador em termos de costumes, vendo as drogas como um “desvio pequeno burguês”. Para Daniel Aarão Reis Filho, na época um importante líder estudantil,

O homossexualismo era visto com muitas reservas. Nos congressos estudantis da época, seguramente não rolava droga, pelo menos não abertamente. Mesmo as drogas leves, como a maconha, eram vistas com muita severidade. A própria música popular brasileira, que era mais prezada, era a música popular de protesto, mais politizada. (...) A grande maioria da militância de esquerda era muito resistente a questionamentos heterodoxos. No seio das organizações revolucionárias, isso era muito claro. Nós não permitíamos homossexualismo e drogas.⁴²

Pode-se perceber que a difusão das drogas e uma mudança dos costumes não era propriamente uma ação coordenada das esquerdas, embora mencionada como tal, mas sim de uma época de contestação aos padrões morais estabelecidos. Porém, para o governo militar e dentro da ótica da Doutrina de Segurança Nacional, isso poderia ser visto como a mesma coisa e partindo da mesma fonte. Por ser visto como uma subversão dos costumes e da ordem, era encarado como algo negativo, como uma doutrina estranha aos padrões nacionais, devendo ser combatido com a mesma intensidade. Por outro lado, quando se pensa no ideal militar de busca por uma nação forte e saudável, colocando os mesmos conceitos para seu povo, também divulgados através de campanhas publicitárias da Agência Especial de Relações Públicas (AERP), a campanha pelo combate às drogas ganha mais destaque. Une-se aqui um conceito de saúde pública e o combate a uma nação enfraquecida, com um conceito político, o qual visava associar o consumo de drogas a uma prática comunista para justamente enfraquecer uma nação. Apresentar a subversão dos costumes como uma tática comunista

⁴¹ Ibid.

⁴² REIS FILHO, Daniel Aarão apud ARAÚJO, Maria Paula. Disputas em torno da memória de 68. In: FICO, Carlos; ARAÚJO, Maria Paula. 1968: 40 anos depois. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 23.

servia duplamente aos interesses dos sistemas de informações e repressivo. Primeiro por reforçar o caráter maléfico e negativo dos comunistas, que patrocinavam além de ações armadas, ações que levavam a juventude para degradação, desvirtuando-a dos bons costumes. Segundo, por mostrar aos leitores da publicação *Comunismo Internacional* a necessidade de um combate tanto aos comunistas quanto ao uso de drogas, que segundo essa lógica, teriam a mesma origem. O autor busca exatamente relacionar determinados textos que noticiam a produção e o incentivo ao consumo de drogas como uma tática comunista de ataque aos países ocidentais, buscando-os enfraquecer moral, psicológica e fisicamente.

A presença de um inimigo a ser combatido, o qual atrapalha a ordem e a paz social, ainda persiste em nossa sociedade. A construção desse “outro” associado ao mal pela ditadura e o clima de paranoia implantado nesse período, se estendeu no imaginário social, o qual é sempre reforçado e retrabalhado em momentos de crises e tensões sociais. O inimigo a ser combatido apenas mudou sua face, estando inserido em uma construção discursiva semelhante. A construção desse inimigo e do mal são disparadas sempre que determinados grupos sentem-se ameaçados, buscando suas razões em um passado de paz, no qual estariam os verdadeiros valores, ligados a uma tradição que está se perdendo. Esses grupos tem dificuldades em lidar com movimentos de pressão, tendendo a caracterizá-los pela ótica do mal, ganhando assim ressonância na sociedade.

Além de demonstrarem grande preocupação com os hábitos comunistas, os quais poderiam ser sentidos no Brasil em meio as mudanças culturais do período, os sistemas de informações mapearam não apenas os hábitos, mas também as táticas e os planos dos comunistas para, supostamente, destruírem o mundo ocidental. Era fundamental para esse sistema, principalmente para o SNI, obter informações sobre as ações do comunismo em todo o mundo e como esse movimento estava atuando em diversos países, em todos os continentes. A atividade desses agentes produtores, fechados dentro da Agência Central em Brasília, consistia em uma busca incessante de informações sobre o comunismo e os comunistas, sobre a atuação de brasileiros no exterior, sobre as táticas utilizadas em outros países, as vitórias comunistas na Ásia, Europa Oriental, África e o grande avanço pela Europa e pela América. Se podemos interpretar um trabalho de coleta de inúmeras informações como paranoico, ele atendia a um plano muito maior de desconstrução do comunismo perante o sistema de informações e os aparelhos repressivos. Por outro lado, contribuía também para reforçar o sentimento de medo, bem como uma necessidade de combate aos comunistas. Talvez esteja nessa repulsa ao comunista, a intensidade da violência praticada contra todos aqueles que se levantaram contra o governo ditatorial. Infelizmente, nossa sociedade guarda ainda certo

ranço em relação ao diferente, ao outro. Certos mitos são sempre retrabalhados e reatualizados dentro daquilo que poderíamos denominar como cultura política. O “inimigo vermelho” ainda assombra as mentes de determinados setores de nossa sociedade, bem como é utilizado ainda como forma de reforçar o pânico e o medo.